

Conselhos ás mulheres

Nada me parece tão censuravel como o costume insuportavel de certas moças, em pontos de reatimão, theatros, bailes, etc., que julgam não haver nada mais aproveitavel para matar o tempo do que criticar a vida alheia. Infelizmente esse mau vizo e muito mais espalhado do que communmente se suppõe. E já ninguém imagina que seja isso, alem de um mal, um mau methodo de costumes pouco solidos.

A critica dirigida ás toilette's é de ordinario a que se exerce, quando a pessoa criticada é mais ou menos desconhecida e portanto a sua vida não deixa margem aos litos zombeteiros. Temos visto em reuniões que se dizem elegantes, por todos os pontos das salas, esse habito que se pode dizer inveterado.

Ninguém ignora que uma mulher n'um rapido lance de olhos examina out a da cabeça aos pés e nesse exame nada lhe escapa, nem mesmo o mais modesto laço, o enfeite menos em evidencia.

Não se lembrem as que assim procedem que ellas cabem na mesma hypothese. Enganam-se se suppõem

que estão isentas de censuras. Assim como criticam são criticadas. E sabem qual é o resultado de tudo isso? Uma desconfiança muito fundada e muito justificada, pensa que nota facilmente quem entra em uma sala. Dahi a nascer um certo mau estar em todos não é longa a distancia e isso concorre muito para que uma festa, ás vezes mesmo, de caracter intimo, uma festa de familia se transforme em uma coisa aborrecida e de que se retraiam todos mal impressionados.

Força é confessar que em não se dá entre os homens e se isso dá e em escala não pequena que elles não prejudicam por esse motivo o seu prazer.

BORRNE STAPPE.

A representação do divino

Ao progresso exterior das formas religiosas corresponde um progresso paralelo na maneira de conceber o objecto mesmo da religião. Para se representar o divino, o homem só se tem valido nos tempos que nelle proprio se encontram. Isso quer dizer que essas representações variam e variarão com o progresso

da vida e da experiencia e do pensamento. Procurando entre seu sei e o ser ideal, uma imagem que dependa sua fidelidade e sua vida, o homem exprime essa communição e essa communição em termos exactamente correspondentes ao dappo eadentamente que elle tiver adquirido de si e do universo.

Com o tempo a vida evoluiu das imagens dasmitas e se faz sobre a formalidade do espirito. E nessa idea que finda a sensibilidade, e, com a semelhança e parentesco do homem e de seu Deus, so graças a ella pode haver entre elles intelligencia, conversação e finalmente harmonia plena. As religioes primitivas sem divida alguma u o seu nome espiritalistas nem materialistas; mas essencialmente espiritas. Um animismo ingenuo lhes fornece os primeiros elementos. A natureza projeta em lhoras de si a vida que a anima, dicta os objectos que a cercam de uma personalidade semelhante a sua.

Não ha para ellas coisas mortas e inertes; o mundo prova-se de seres vivos com os quaes lucta, conversa, enfrenta os quaes se irrita, aos quaes da seu amor e suas caricias.

Nos sermos de tanta ingenuidade. Os ultimos passos da philosophia tentam aos nossos primitivos pensamentos. Nos elegamos hoje a ver que em quanto nos annos nos conhecemos a uns mesmos, que a nossa sentença da vida mais e do que a projecção de nossa consciencia fora de nós, e que só com essa crença conseguimos comprehender o mundo.

Mas o animismo fetichista não se aliena dos limites da vida instinctiva. Elle povoa o universo de espiritos (sombras dos mortos ou pituimas mysteriosas da natureza) que se achavam ligados, como a alma e o corpo, ora a algum objecto, lhoras fetichis ora a algum pensamento natural as arvores, montanhas, sol, vento, etc, animal, etc. Mas notae que o homem não adora nunca coisa alguma de pensamento material; que não o cria e u não possa responder-lhe. Quando elle vê que seu fetichis ou o adopto

VINHO DE CHASSAING
DI-DIGESTIVO
Recolhido ha 30 annos
CONTRA AS AFFECÇÕES DAS VIAS DIGESTIVAS
Paris, Avenue Victoria nº 6.



A "PHOSPHATINA FALIÈRES" é o mais saboroso e o mais recommendado alimento para crianças desde a idade de 6 a 7 mezes, principalmente quando começam a ser desmamadas e no período de crescimento. Facilita a dentição e concorre para boa formação dos ossos.
PARIS, AVENUE VICTORIA Nº 6 E NAS PHARMACIAS

PRISAÇÃO DE VENTRE
Laxativo certo, do Dr. SOULIGOUX
do Vidro de cerca de 25 Quilos: 24 Fr. 500
PARIS, AVENUE VICTORIA Nº 6 E NAS PHARMACIAS

NINNON DE LECLOS
Oscarização da pele, que jamais ouve maculada e a epi derme. Já passou dos 50 annos e conservava-se joven e bella, tirando sempre os pezuços da sua certidão de baptismo que rasgava a cara do Tempo, cuja foice embolava se sobre sua encantadora physionomia, sem que nunca deixasse o menor traço. « Muito verde ainda! » via-se obrigado a dizer o velho rabugento, como a raposa de Lafontaine diz das uvas. Este segredo, que a celebre e equata taocra jamais confiou a quem quer que fosse das pessoas d'aquella epoca descobrio-o o Dr. Lecote entre as folhas de um volume de L'Histoire amoureuse des gaules, de Bussy-Rabutin, que fez parte da bibliotheca de Voltaire e actualmente propriedade exclusiva de PARFUMERIE NINNON. Maison Lecote, Rue du 4 Septembre, 31 à Paris.
Essa casa tem-no a disposição das nozas elegantes, sob o nome de VERITABLE EAU DE NINNON, assim como as receitas que d'ella provém, por exemplo, o

DUVET DE NINNON
po de arroz especial e refrigerante
Le Savon Crème de Ninon
oposicil para o rosto que illupa perfeitamente e endurece a epide de delicada sem alterar-a.

LAIT DE NINNON
que dá silvra desmanchando su poçoço e sua humbrão. Entre os productos conhecidos e apreciados da PARFUMERIE NINNON conta-se:

OU DEBOURRE DESBOURON
que faz voltar os cabellos brancos à cor natural e existi em 12 cores;

SEVRE SOURCIERE
que aumenta, engrassa e brone as pestanas e os super cilios, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar
LA PATE ET LA POUME MANOERMALE DE NINNON
jars dnura, silvra brilhante das mãos, etc., etc.

lavem estipir e verificar o nome e o endroço sobre o rotulo para evitar as imitações e falsificações

PARFUMERIE EXOTIQUE
E. SENET
35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

MÃO DE PAPA de duque, de príncipe, por meio da Pâte des Prélats, que embranquece, alisa, asselina a epiderme, impede e destrói as freieiras e as rachas.

UM NARIZ PICADO de pequenas lurbullias ou com cravos torna a recupera sua branura primitiva e suas cores lisas por meio do Anti-Bolbos, producto sem igual e muito contrafido.

CUIDADO COM AS CONTRAFAÇÕES
Para ser bella encantar todos, o olhos deve-se servir da Fleur de Pêche pó de arroz feito com fructos exóticos.

POUCOS CABELLOS
Fazem-se crescer o cercallos empregando-se l'Extrait Capillaire des Benedictins du Mont-Majella, que tambem impede que caiam e que fiquem brancos.
E. SENET, Administrador, 35, Rue du 4-Septembre, Paris.

NÃO ARRANQUEM MAIS
as dentes estragados, que os branquece com l'Elixir dentifrice des Benedictins du Mont-Majella.
E. SENET, Administrador, 35, Rue du 4-Septembre, Paris.

HOUBIGANT
PERFUMISTA
da RAINHA d'INGLATERRA e da CORTE da RUSSIA
PARIS

AGUA HOUBIGANT
SEM NIVAL PARA O TOUADOR

AGUA de TOUADOR Royal Houbigant.
AGUA de COLONIA Imperiale Russe.

EXTRACTOS PARA LENÇOS: Violette Ideale, Royal Houbigant, Peau d'Espagne, Moskari, Iris Blanc, Le Parfum Imperial, Musk, Magnol, Gilet Rose, Imperial Russe, Lilas Blanc, Heliotrope Blanc, Fougere Royal, Clove, Jasmin d'Espagne, Cuir de Russie, Girofle, Ceylan, Bantou d'Or, Sarrise, Rococo.

SABONETES: Ophelia, Peau d'Espagne, Violet Ideal, Fougere Royal, Lait de Thairane, Royal Houbigant.
PÓS OPHELIA, Toiletina de Belleza.
PÓS PEAU D'ESPAGNE.
LOÇÃO VEGETAL, para os Cabellos.
PÓS ROYAL HOUBIGANT.

PERFUMARIA ESPECIAL MOSKARI

Espartilhos de M^{mes} de VERTUS SŒURS
Forma modificada para as Modas de Pariz, 1895
Sobre tudo evitar as Contrefações
Exigir a medalha de garantia.

Perfumaria extrafina
L.T. PIVER
PARIS

Corylopsis do Japão
SABÃO — ESSENCIA — PÓ de ARROZ — OLEO
LOÇÃO VEGETAL — BRILHANTINA — COSMETICOS
Evitar as Imitações e Falsificações

O Trêfle incarnat
L. T. PIVER
Parfume de Moda

Violettes de Parme
SABÃO — ESSENCIA — PÓ de ARROZ
LOÇÃO VEGETAL — BRILHANTINA — COSMETICOS

Leite de Iris L. T. Piver
PARA A JUVENILIDADE e BELLEZA do ROSTO
A melhor e mais hygienica de todas as preparações para o touador

Dentifricios Mao-Tcha
PÓ — PASTA e ELIXIR

O herdeiro de minha tia

de seu culto e veneração, e porque seu Deus o descreve e elle sabe em português o disse: Deus hez q'ue alle trata de formar a encarnação e de conservar sob outros formas e outros nomes. Peda fe nos phantasmas e pela honraria de seus sonhos, elle tinha apprehensão a se deslocar e a oppor sua vontade e seu pensamento, seu interior, a seu corpo. Elle comprari este a uma casa donde ninguém pude sair para occupar outra. Nada e mais antigo do que esta idea da transmigração e das almas. Mas ao mesmo tempo elle deslembrou o ser de seus deuses; distinguio entre o proprio deus e o objecto material ou a forma que lhe serviu de morada habitual. E o período da *deidade* que começa. Ella so se achava, quando o deus espirito tiver p'ochado os laços que o prendem a sua prisã o visivel e a sua imagem natural. Seria necessarios ainda outro tempo e muitos, se for os. Philosophos e profetas sustentam a divindade dos deus, um mysterio de deus. Mas a minha, a medida que se caminha na historia, vemos os deuses cadaes se desdenderem e cahirem uma por outras, e se tornam a que clugara essa evolucã o, apparecer luminosos, na palavra d'Aquille que o fochou para sempre: « Deus e espirito, e preciso que aquellos que o adoram, o adorem em espirito e em verdade. Desde esse momento a mythologia se transformava em theologia e a rito exterior, em piedade interna e mura. »

Necessariamente polytheista em seus ritos, a religião tendia, para o monothetismo. A subordinacão que disciplinava os chefes de tribus sobre a terra collocava tambem os seres divinos sobre a autoridade de um chefe supremo. Foi a força que primeiro deu essa primacia. Deus e o rei dos deuses e dos homens, porque e mais forte do que todos juntos. Sabia-se como elle o prova em Homero: « Usahi uma rainha, disse elle aos revoltados, suspende-vos todos em uma extremidade e tente abalar-me, e eu conservarei a outra extremidade e levantarei a todos juntos. Tal foi aqui a evolucã o natural das idèas: a força primeiro se impoz ao homem fraco e tremulo; depois a intelligencia se impoz a força; entã o a justiça e o amor, forma suprema e dor da justiça, se impuzeram a propria intelligencia. A primeira não e o mais forte nem o mais intelligente, e o melhor. Moralizando-se, o homem moralisou a seus deuses que, por sua vez, torcendose autoridades e modelos, contribuíram para manobrar a raça inteira. »

E' muito admiravel que esta evolucã o para o monothetismo moral e a t'ucha pedida terminou na familia indo-europea. Ella ali encontrou uma barreira invencivel na propria natureza de sua mythologia primitiva. Sem duvida alguma, os philosophos gregos e hindus levaram a noçã o de Deus ate a do sua espiritalidade e de sua unidade, mas nã o conseguiram transformar a religião de sua raça. Sua critica racional p'ale dissolvia o a mudançã o. Seu monothetismo fea sempre um objecto de espantacão e o mais ou menos exótico.

Quando no II ou III seculos de nossa era, só o noçã o da concorrencia christã o, o polytheismo grego-romano hietou para chegar a um certo monothetismo, e a p'ale souhi voltar ao mais glorioso mytho de sua infancia, ao culto do Sol, para fazer d'elle um symbolo e levã o a terra de todos os outros, subsistindo sempre abastã o.

A. SABATIER.

Offerecemos hoje ás nossas leitoras o final de um romance de Alberto Pimentel, publicado no *Diario Popular* de Lisboa. Como esse final não pode de modo algum prejudicar a intelligencia da leitora,ahi vae elle, afim de que faça uma idea, da obra toda que agradao muito:

« E' tambem para malhar o tempo, o tempo agora tão cruel para mim, que eu comencei a escrever a minha autobiographia, sem pretencões a ordem de S. Thiago, que custa dinheiro, e eu não o tenho. »

Vamos ao caso, — ao meu caso e do *Caracho*. A tia Leocadia, cada vez mais celebrada na sua justa dor, comecou a sofrer as consequencias da passagem rapida de uma vida activa, como tinha sido a sua, para uma enervacão melancolica, para uma reclusão solitaria, que lentamente a havia de ir matando.

Não obstante, a sua rija organisacão ainda logrou resistir por quatro annos e meio a esse theor de vida. Um dia, somberam os cuidados, pelos indícios de intoxicacão com que o *Caracho* os chamava, que a tia Leocadia apparecia morta.

E eu souhe-o alguns dias depois pelos jornaes, que pouco mais ou menos diziam o seguinte:

« *Excentricidade terrimma*. Acaba de fallecer em Bragança uma proprietaria C. Leocadia Pessoa, que legou todos os seus haveres a um gato, seu companheiro inseparavel durante os ultimos annos da existencia. »

« Não emblecos na integra as disposições testamentarias da excentrica dama, mas sabemos, graças a informacões fidedignas, que o seu herdeiro universal e o hienno. »

« Esta senhora hade ter de certo parentes, que tirem o rato da bocca do gato. Que ratice! »

Esta noticia, reproduzida, quasi nos mesmos termos, em todos os jornaes, fez com que eu partisse immediatamente para Bragança, afim de aproveitar o conselho que me davam de graça: tirar o rato da bocca do gato.

Não o profetisava eu! Como *Caracho* me tinha de haver. Oh! o coração humano não engana nunca, — nem mesmo quando pulsa coutra um gato!

Não deixou de ser curioso que nenhum dos jornaes alludisse a essa famosa herança como sendo aquella que pregã o em terra com o conselheiro Jeronymo! Sem lá se lembrarem dos sete sobrinhos, que poderiam tirar o rato da bocca do gato! Era que o conselheiro tinha passado, estava longe, n'uma legaçã o, e ja não fazia sombra a ninguem na distribucão das pastas. O que e a politica! E o que e a imprensa... tambem!

Parti para Bragança, e tratei de conhecer primeiro o testamento da tia Leocadia.

Deixava, effectivamente, todos os seus haveres *Caracho*, como representante de um hospicio, que immediatamente se fundaria, para alimentacão, mantimento e protecção de gatos, sãos ou doentes.

Este hospicio que seria estabelecido em Bragança tomaria o nome de — *Hospicio bragantino do Caracho* para a galos e gatos — afim de perpetuar a memoria do coração mais leal que eu tive a meu lado depois que fui minha pobre e querida filha D. Edmunda Pessoa. (Vale a pena de minha tia.)

Mais oulhevava que o *Caracho* seria tratado, quanto se não f'ndasse o hospicio, com as mesmas commodidades, mimos attentões e fartura, para se dispunha se lhe fossem duas aias, uma que se ocupasse pela sua alimentacão, outra pelo seu accio, devesse cada uma das duas aias ser viuã a, maior de dez e coenta annos, e não ter filhos.

Logo que o hospicio se fundasse, o *Caracho* passava a habitã o n'um quarto privativo, sempre vigiado por duas aias que, se lhe sobrevivessem, teiam direito a receber por inteiro, enquanto vivos fossem, mesmo que receberiam na actividade do seu trabalho, 50000 reis por mez cada uma, mais a gratificacão de 25000 réis, tambem mensal, e para cada uma, um fim de acutelar que, por causa do vicio da p'atida, de outro qualquer, não procurassem diminuir as commodidades e alimentos do *Caracho*.

No hospicio haverã uma sala de honra, chamada *sala do fundador*, na qual seria collocado o retrato do *Caracho*, de tamanho natural, e pintado a oleo, que não podesse apagar se facilmente.

A tia Leocadia nem no seu testamento perdoo a photographias. Não perdoo a ninguem!

Da totalidade de seus bens, applicada a fundacão do hospicio, apenas seria retirada, depois de pagas as despezas do enterro, a quantia indispensavel para a escola de novecentas missas, trezentas por alma de seu marido, trezentas por alma de sua filha, e trezentas por alma d'ella testadora.

A meu respeito nem uma palavra. Fui consultar immediatamente um rabula de Bragança, que me disse o seguinte.

— Dispondo o art. 2.º do *Codigo civil*, que se fallecido não deixar descendentes, e não dispuser de seus bens, herdã o os irmãos legitimos e os descendentes d'estes, que e o seu caso, precisamos primeiro que tudo iratar de annullar o testamento da senhora sua tia, afim de que o meu illustre cliente possa entrar na posse da herança, como dispõe o citado artigo do citado codigo. Não e claro?

— E' claro.



— Ora muito bem. Que fundamento poderemos nós ter para a annullação? Todo. Quem é o universal herdeiro da senhora sua tia? Um gato. Mas so o homem é susceptivel de direitos e obrigações, isto é, de capacidade



judicial. Estes direitos e obrigações derivam da propria natureza do homem. Como podemos, pois, accipitar por herdeiro um gato, a quem a lei e a razão não podem re-



conhecer o direito de herdar, e a obrigação da fundação de um hospicio, imposta pelo testamento? Não é claro? — E' claro. — Se a lei não reconhece ao gato o direito de herdar, nem nenhum outro, como ha de reconhecê-lo herdeiro? Não é claro? — E' claro. — Portanto, desaparecendo o gato em face do direito civil, o que fica?

— Fico eu. — Por outras palavras, fica o art. 2000 do *Código*. — Mas, doutor, acha que não poderá haver constatação possível á nossa impugnação?

— Nenhuma! Dentro de pouco tempo o meu illustre cliente estará de posse da herança da senhora sua tia, e o *Cachinho* ficará a apitar.

— A mim é que talvez fique. — Fica a ver navios, posto que talvez preferisse ficar a ver ratos. O cavalheiro vai já d'aqui entendendo-se com o procurador Athanasio, que é homem serio e diligente. Tem a minha plena confiança. E, quanto a herança, faça de conta que a tem já na algibeira.

— Foi d'aí a casa do procurador Athanasio, que se pôz a ir da celebreira de minha tia, e me pediu vinte libras para preparos.

— Não havia duvida nenhuma: a annullação do testamento era infallivel.

O direito tinha falado pela voz do advogado: o direito era meu.

— Minha pobre tia julgara pregat me uma grande peça e, no fim de contas, não só não me pregara peça nenhuma, mas era em quem ia pegar nas suas peças.

Cuidada!

— Emfim, eu tudo lhe perdoava, porque tive muita culpa nos seus desgostos. E, lo o que recebesse a herança, mandaria erigir dois ricos mausoleus no cemiterio de Bragança, um para minha prima, com um jardimzinho em roda, e outro para minha tia, com um gato de marmore em cima. Esta vontade — de perpetuar de algum modo a memoria do seu *Cachinho* — lhe faria en.

— Estive em Bragança oito dias, esperando que tud se arranjaría de prompto. Mas, qual não foi o meu espanto, quando o testamenteiro de minha tia um pobre velho, e tão celebrão como ella, sahira a impugnar a acção de nullidade!

— Funda-se a impugnação, redigida por outro advogado de Bragança, em que o gato, que não podia herdar, não era herdeiro. Que a herança revertia em favor de uma instituição de piedade para com determinados animaes, aos quaes a sociedade devia protecção. Que a testadora quizera apenas dar ao gato predilecto as honras de fundador do hospicio. Que o *Cachinho* não passava, no caso sujeito, de ser um representante nominal da tia felina.

E aqui estava como o direito, nas mãos de outro advogado, se convertera n'um direito differente do meu!

Fui novamente consultar o meu advogado.

— Não se afflita, disse elle. É uma rabulice, um sophisma, que havemos de reduzir a pó. Eu vou, para reforçar a acção de nullidade, pedir consultas aos mais conspícuos collegas de Lisboa, Porto e Coimbra. Queira o meu illustre cliente ir entender-se com o procurador Athanasio, que, como lhe disse, é um homem muito serio e activo.

— Foi a casa do procurador Athanasio, que se pôz a ir da celebreira do testamenteiro, e me pediu mais (cincoenta libras para despesas do processo.

O advogado da testamentaria, logo que soube que o meu advogado tinha pedido consultas para Lisboa, Porto e Coimbra, lembrou-se, além de reforçar a impugnação, de fazer appello a todas as pessoas amigas de gatos para que subscrevessem um abaixo assignado em favor da creação do *Hospicio Felino*.

— Quarenta mil assignaturas cobriram o abaixo assignado; so Lisboa concorreu com trinta e cinco mil.

O processo da herança da tia Leocadia começou a ser discutido na imprensa, especialmente no *Diario*, com grande apparatus de citações latinas.

E eu, que devia ser o herdeiro da minha tia, logo que conseguisse vencer o gato, o que ao meu advogado continuava a parecer facil e certo, sahi de Bragança tres mezes depois, tendo gasto cerca de 4000\$, e tendo



perdido a questão no tribunal da comarca.

— Mas nem o meu advogado nem o procurador Athanasio tinham desaminado ainda. O juiz era um pateta, diziam. La estava no Porto o tribunal da Relação para corrigir as tolices do juiz. Entretanto, sempre era bom que eu viesse para o Porto acompanhar o processo.



CAES DE RAÇA

Vim e continuei a empenhar-me, pagando juros exorbitantes de empréstimos contrahidos por conta da herança, que fatalmente havia de receber, segundo a opinião do meu advogado do Porto, que era um chavão, e do meu procurador.



que era Athanasio Chaves. Foi então que se agravaram horriavelmente os meus padecimentos. O frio de Bragança dera cabo de mim. Vivo cheio de dozes, de incommodos que decerto metrirão tolo o gosto da herança, ainda que eu venha a recebê-la um dia.

— E' para me esquecer de mim proprio que eu von escrevendo isto.

(O que se segue está escrito com letra muito tremula, e mais recente.)

Santo Deus! a Relação vai julgar amanhã o agravo. Tornarei a perder de certo, mas recioo perder a vida.

(Fim do manuscrito do sobrinho.)

Pouco tenho que acrescentar ao manuscrito do infeliz Ernesto d'Araujo.

A Relação do Porto, ao contrario do que elle suppunha, deu provimento ao agravo, mas, á hora em que era lido o acórdão, o sobrinho da tia Leocadia foi encontrado morto n'um quarto do hotel *Leão de ouro*, tendo aberto diante de si o *Código Civil Portuguez* no art. 2.000.

FIM

A moda entre nós

As ondas do oceano nunca se detem. É uma das maravilhas da natureza em movimento, essa agitação, incessante de um elemento que occupa tres quartos do globo! Comparar a tarefa de uma chronista das modas a esta immensidade é uma pretensão ambiciosa de que ninguém tem o direito de sorrir. Mas se a imagem parece muito vasta, se ella ultrapassa em proporção o objecto que nos occupa, nem por isso deixa de ter uma base de verdade de que nunca se pode avalliar o alcance.

Ella é aliás de circumstancia nesta estação, em que um grande numero de nossas leitoras são desceiosas de conhecer as novidades sensacionais. Já a curiosidade ergue o veu do futuro, antes mesmo que as leis da moda ultima tenham deixado de imperar.

Que se usará neste verão? Tal é o grito de todas as elegantes! Para os costumes preparam-se estofos inteiramente novos como coloridos como tecido, etc., etc... mas os negociantes em tecidos e os grandes costureiros são n'um tanto impenetraveis a esse respeito, e é quasi de força que se lhes arranca alguma palavra, alguma confidencia que elles logo lamentam, mas a que eu me apresso em responder como verdadeira filha de Eva que sou. Eis pois as informações que pude colher.

As mudanças a moda serão o rubi, o azul pavão, o azul de França, o azul Felix Faure, o violeta prelado, o verde reseda, o amêixa, o verde brando, o alfarobeiro e com o branco toda a serte das lãs.

Uma filha de Hespanha

(Quadro de F. Masriera)

O Prado em Madrid é o lugar de reunião do *high-life* madrileno; para lá vão no escurecer, as senhoras e os cavalheiros das classes nobres de Madrid, não para gozarem a natureza ou para fazerem o seu passeio, mas unicamente por distração. Quem, porém, julgar encontrar ali um sem numero de senhoras e cavalheiros mettidos em trajes nacionaes de variegadas cores, ficará muito desapontado. Os trajes nacionaes hespanhoes só são ainda encontrados no povo vulgar, e mesmo ali, poucas vezes. Só quando a hespanhola vai a tourada, ella ainda se enleita com uma saia curta de seda clara, coberta de rendas pretas e com um corpinho com grande bico fortemente apertado nas costas por meio de cordões. No Prado encontram-se as modas mais modernas de Paris. Só a mantilha de renda, bem como o leque ainda perduram e não são dispensados pelas *señoras e señoritas*. Nunca se vê um chapéu de mulher: todas usam a mantilha que, em geral, é de seda de cor escura, e entre o povo, algumas vezes de varias cores.

Na sociedade, no baile e na Opera, se veem mantilhas de rendas brancas e mui delicadas que dão um aspecto encantador ás physionomias, deixando apenas a descoberto os caixos de cabello da testa, sendo a parte inferior cruzada sobre os hombros.

Na rua a mantilha costuma cair lisa e estendida sobre as costas, achando-se a parte superior presa no alto da cabeça, formando uma especie de dobra.

O cabello é penteado para cima deixando a nuca a descoberto, formando um côco. Na testa é aparado e crespo.

Quasi todas as hespanholas costumam trazer no cabello uma flor natural—em regra geral um cravo encarnado—que produz um bellissimo effeito, no cabello castanho escuro ou preto.

As hespanholas nobres não gostam de passear e só são vistas no Prado, recostadas em uma cadeira de braços, conversando animadamente com algum cavalheiro e usando o leque com afan, ou contrariadas quando os seus adoradores se apresentam um pouco tarde ou quando não comparecem ao *rendez-vous*.

N'este ultimo caso ella apenas acena com o leque as pessoas que passam por ellas, quando são suas conhecidas. O leque—com que graça o sabem manejar as hespanholas?!

Ellas não o empregam somente com o fim principal, mas tambem para com elle castigar.

Ellas tambem o empregam para se defenderem quando se veem em embaraços, e para occultarem o rosto quando querem observar sem serem observadas ou quando querem provocar a admiração. Diversos manejos do leque, posições ou reviravoltas do leque exprimem pensamentos determinados e o leigo mal suspeita que paixões ou soffrimentos estão encerrados n'este jogo de leque aparentemente innocente, que combates as senhoritas dão com elle e como ellas, por um movimento do mesmo, exprimem a sympathia, o amor, a saudade e a dor.

As hespanholas são, em regra geral, formosas, graciosas e provocantes enquanto não attinsem a idade maior de 20 annos. Depois d'esta idade ellas tendem para a corpulencia e deflham rapidamente. A cultura intellectual, mesmo nas classes mais elevadas, não é das melhores.

Os conhecimentos mais aprofundados da musica, litteratura ou linguistica são raras vezes encontrados entre ellas; todavia ellas possuem uma grande somma de encantos naturaes, muita graça e muito espirito; cantam muito bem com acompanhamento de guitarra e com elle com muito bem os poetas hespanhoes; em uma palavra: ellas têm uma illustração diminuta mas real; são orgulhosas mas não soberbas, e por isso a convivencia com estes seres é sempre agradável e não nos cansamos nunca de com ellas conversarmos.

Bermosa

A ALBERTO PACHECO

o que mais doe na vida...

v. Dias.

Lucret contra o crime de sua existencia
Que é patilha do pólvora e do illudido,
Soffiu, sem nunca ter desanimado,
Mil torturas da humana contingencia.

Das luctas, dos trabalhos na inclemencia
Sempre o mundo me viu calmo, estorçado;
Da e para a christã vivificado
Frie me achei do mal contra a violencia.

Mesquando... ah!... n'esse molvidavel dia
In que em seu berço me fizo que conforto
A vida, eu proenrava e achei-a fria...

A minha filha!... filha... coerte... morta!...
Em pranto se destez toda a euergia...
Tambem dor, meu Deus!—ninguém supporta!

A. AZAMOR.

Festa de alagoanos

No dia 16 de Setembro ultimo os alagoanos desta capital realisaram uma sessão solemne para commemorar o octogésimo anniversario da emancipação politica de Alagoas. Nosso collaborador Oliveira e Silva que é alagoano, leu o seguinte discurso:

Minhas Senhoras, meus Senhores

Estas poucas linhas que eu vos vou ler, nada mais tem a recommendal-as, alem da sinceridade de um affecto, suavemente banhado na nostalgia sagrada do torrão natal.

Eu não sei se nos reúne aqui a consagração semi-official de uma data historica ou o laço carinhoso de solidariedade de irmãos que se voltam, num impulso

de saudade e orgulho para aquelle canto da patria commum em que as praias arenosas tem a brancura das consciencias limpas e os campos accidentados o verdor e frescura das esperanças eternas. Qualquer que seja a causa, eis-nos reunidos e os nossos corações tem o mesmo rythmo de affecto e as nossas almas as mesmas aspirações de irmãos que se sentem fortes, porque o berço de todos é illuminado fartamente pelo sol fulgurante dos tropicos, em pleno esplendor de sua força fecundante. Eis-nos reunidos para que nos digamos, uns aos outros, em franco convivio fraternal que nunca, nunca, esqueceremos aquelle torrão abençoado, onde nossas mães nos ensinaram que é do regaço materno, em que se bebe o philtro poderoso da moral christã, que o homem sahe apercebido para a lucta de todos os dias.

Ha um capricho affectuoso do destino em prender a vida de nossos maiores, de nossos contemporaneos



UMA FILHA DA HESPANHA
(Quadro de F. Masriera)

